

O MANIPULADOR DE ERVAS

Autora: Renata Soltanovitch

Março/2020

O MANIPULADOR DE ERVAS

Prefácio

O conhecimento também pode ser perigoso.

Um conto curto, sem pé nem cabeça, fruto da minha imaginação.

CAPÍTULO 1

Quando o delegado Paul, em pleno shabat, viu a insistência de seu celular tocando e constatou que se tratava do chefe Abraão, sabia que tinha dado merda em algum lugar.

– Delegado Paul falando.

– Sei que é shabat, mas temos um problema sério em uma vila de pescadores e você precisa se encaminhar à plataforma de embarque do porto. Um catamarã estará te esperando. Serão cinquenta minutos de viagem, mas você não fará sozinho. Além do piloto da embarcação, o perito Norberto estará com você. Ele também levará Antonio, pois sua experiência em falar com mortos poderá ajudar.

Paul soltou uma gargalhada incontrolável, deixando o Dr. Abraão, delegado-geral, seu chefe – diga-se de passagem –, um tanto quanto irritado, mas complementou.

– Sei que parece estranho, Paul, mas é um caso de muita repercussão. O morto, o Sr. Iakov, era muito conhecido e respeitado na região. Preciso de você lá, pois o delegado Pierre não dará conta do recado.

– Pierre... só podia ser! Estarei pronto e no local marcado em quinze minutos.

Paul se arrumou, pegou seu coldre, sua arma, sua quipá, seu charuto, as chaves do carro, amarrou seu peiot atrás da barba, beijou a Mezuzá de sua porta, pois sabia que a viagem seria longa, e saiu rumo ao porto com seu Del Rey.

CAPÍTULO 2

– Socorro!!! Socorro!!! Alguém acuda aqui!!! – gritava Laércio, o dono da pequena e única farmácia, que ficava na Vila dos Pescadores.

Já passava das 23h.

Os gritos eram desesperadores e as lamparinas começaram a ser acesas pelos pescadores locais, já que às 22h a luz elétrica já era desligada.

Dona Norma, que conhecia muito bem a filha epilética de Laércio, já correu para chamar Iakov para medicá-la, quando então tropeçou em um corpo sem cabeça e, ao passar a luz da lamparina para saber no que havia tropeçado, desmaiou.

Mikael, que estava se aproximando de Dona Norma, a afastou do corpo morto e, ainda meio tonto do que estava prestes a ver, gaguejou:

– Meu Deus. Quem seria capaz de uma atrocidade desta, ainda mais aqui na Vila? De quem é este corpo?

Laércio, que estava branco igual uma cera, já determinou:

– Mikael, chama o policial Ariel e peça para ele acionar o Dr. Pierre, o nosso delegado da cidade. Ele saberá o que fazer.

– Pode deixar, Laércio, vou fazer isto agora mesmo. Só não entendo como alguém pode fazer isto com outro ser humano. De quem se trata?

– O corpo parece ser de Iakov! Conheço bem estas vestimentas. Ele deveria estar se preparando para alguma oração na mata – sentenciou Mikael.

– Não pode ser! – berrou Antonieta, uma das mais antigas moradoras da Vila e amicíssima de Iakov.

E ressaltou:

– Conheço estas roupas. São de Iakov sim... mas, ai, meu Deus – passando a lamparina pelo local –, cadê sua cabeça?

A movimentação passou a ser intensa, com todos os moradores saindo de suas casas com a lamparina em mãos, até que Joseph, um pescador mal-humorado, gritou:

– Pessoal, correm aqui! Tem uma cabeça identificável próximo à mata, empanada de areia, com uma flecha espetada no olho esquerdo.

Seu tom era até um pouco sarcástico, e esse era um dos motivos por que ninguém gostava dele na Vila. Apenas o toleravam, pois era muito metódico e mantinha o local limpo quando da visita dos turistas. Nada escapava do seu olhar, nenhum copo ou canudo.

Aliás, ele proibia qualquer tipo de plástico na Vila e vivia aos berros com os turistas que visitavam Iakov ou até mesmo as guias que os traziam. Sempre implicava com eles, quase que diariamente; e, de final de semana, ficava de plantão eterno, evitando que qualquer sujeira invadisse o local.

Chegava ao ponto de revistar os visitantes através de um app que ele mesmo elaborou via celular, que, ao passar pelo corpo da pessoa, certificava se esta estava carregando lixo que pudesse sujar o local.

Joseph era conhecido como o xerife ficha-limpa da Vila.

CAPÍTULO 3

Pierre, o delegado da cidade, foi acionado, mas até o lerdo acordar, entender que estava no planeta Terra, se arrumar, tomar um café, conferir seu rastreador de frequência cardíaca em seu relógio e entrar no catamarã, que levaria cinquenta minutos até chegar à Vila dos Pescadores, onde o corpo foi achado, o local do crime não estaria mais protegido.

De fato, o policial de plantão Ariel, sabendo do perfil do delegado, achou melhor ir até sua casa, como sugerido pelo morador Mikael, a pedido de Laércio, o respeitado dono da única farmácia local.

Tocou a campainha, bateu na porta e gritou:

– Delegado, Dr. Pierre, acorde! É urgente! Atenda à porta. É uma emergência.

Atordoadado, Dr. Pierre abriu a janela.

– Que foi, homem? Por que tanta gritaria a esta hora? Não é nem meia-noite ainda.

– Desculpe, Doutor. Mas é que o Sr. Iakov foi encontrado morto na Vila.

– Meu Deus! Era só o que faltava! Justo hoje? Eu estou prestes a entrar de férias!

– Doutor, levando em consideração de quem se trata, é melhor o senhor se arrumar o mais depressa possível e já acionar o DHPP para se adiantar, esquecer suas férias e se preparar psicologicamente. A coisa foi feia!

CAPÍTULO 4

O corpo de Iakov havia sido arrastado por alguns quilômetros, no sentido da mata, que era pouco frequentada, pois as lendas faziam com que poucos moradores se arriscassem a adentrar.

Poças de sangue em todo o local confundiam a constatação de onde havia se iniciado o crime.

Embora o calor fosse intenso durante o dia, o vento era muito forte, daí porque a região era especulada para a instalação de um parque eólico.

Se o país já era terra de ninguém, aquela pequena vila não possuía dono, no sentido jurídico do termo. Tudo havia sido tomado na base da posse precária.

Iakov foi um dos primeiros moradores da Vila. Conheceu o local através de um índio, amigo de seu avô, que foi quem o ensinou a manipular as ervas de cura.

Iakov adorava o mar. Se enraizou na Vila. Sentia-se um homem livre.

Pelo mar se conhece o mundo. Um mundo sem fronteiras, ilimitado.

Devoto de Iemanjá, o Sr. Iakov reverenciava sua rainha antes de sair para pescar, e era esta sua fé que lhe rendia bons pescados.

“Saravá, Iemanjá; minha mãe, “Rainha do Mar”!

Venho pedir a Vossa proteção para este dia que começa, para que me proteja nas águas do mar.

Peço permissão para entrar em seu lar e pescar meu sustento sem qualquer tormenta.

Que as ondas do mar tragam as boas energias para lapidarem meu espírito; tornando-me um ser humano melhor, capaz de ajudar aqueles que necessitam de mim em meu retorno.

Que assim seja”

Vivia entre a pesca e a reza e encontrar seu corpo decapitado foi uma grande incógnita para o jovem delegado Pierre, recém-ingresso na carreira, após passar alguns meses em treinamento na academia de polícia, quase na iminência de desistir da carreira, principalmente após conhecer o delegado-geral e saber o quanto era exigente.

Católico ferrenho, Dr. Abraão fez carreira na polícia pela seriedade e muito conhecimento técnico.

Ao se deparar com a cena, Dr. Pierre teve uma leve tontura e só não tombou porque o policial Ariel, sempre atento, o escorou e, por sorte, ainda estava escuro e as lamparinas dos moradores não estavam em sua direção.

Para não se sentir por baixo, ressaltou:

– Ariel, senti um calafrio agora. Não sei se acredita em algo, mas percebi um vulto entre nós.

Obviamente que Ariel acreditava, pois sabia quem era Iakov, mas era difícil acreditar no medroso e preguiçoso delegado, mas, para não contrariar, afirmou:

– Sim, Dr. Delegado. Também senti um arrepio.

Dr. Pierre não era vocacionado a ser delegado e nem mesmo vinha de família de policiais. Apenas era apaixonado por seriados de televisão que desvendavam crimes. Mas não gostava de ver mortos, sangue e muito menos gostava de carregar armas.

Embora fosse um cara futurístico e tivesse ótimas ideias para combate ao crime, todos o achavam um babaca, ou seja, só porque estava elaborando um scanner para ser fixado na porta de entrada dos comércios, onde se rastrearía quem entrava armado. O tal scanner identificaria se a arma era registrada ou não e, não sendo, o scanner acionava o batalhão de polícia mais próximo.

Só por conta desta ideia, foi enviado para uma delegacia bem longe, onde quase não havia crimes, só para deixá-lo distante dos holofotes.

Quando foi designado para trabalhar na cidade próxima à pequena vila de pescadores, o delegado Pierre jamais imaginava que estaria na frente de um crime com tantos requintes de crueldade, ainda mais em se tratando de um velho pescador de vida simples, cuja rotina era o mar e suas orações.

Nem mesmo o bar da cidade Iakov frequentava, pois não era adepto das bebidas com conteúdo alcoólico, já que isto poderia danificar a flora intestinal, o segundo maior cérebro do corpo.

Iakov, se não estava no mar, ficava na Vila dos Pescadores, entre um atendimento e suas rezas, ou então manipulando ervas para consumo.

Tudo era muito estranho e obviamente ninguém sabia de nada e nada viu.

CAPÍTULO 5

A Vila era cercada por um rio de um lado e, do outro, o mar.

Havia também muitas dunas na região, em meio a uma floresta e uma cachoeira.

Um paraíso longe de tudo, pois, além da beleza, havia muitas lendas sobre a pequena vila, que envolvia inclusive o pescador Iakov, que, embora tivesse uma idade bem avançada, diariamente se aventurava ao mar para pescar.

Iakov era um dos melhores pescadores da região. Nunca voltava sem um bom pescado que lhe servisse de refeição, já que não comia outro tipo de carne que não fossem os peixes que ele mesmo pescava.

A sobra de sua pesca era vendida para poder se manter, pagando a conta de luz e do mercadinho lá da cidade, onde adquiria o que era mais básico para sobreviver. Sua horta o sustentava à maioria das refeições, juntamente com seu pescado.

Mas o Sr. Iakov, naquela vida simples, era muito feliz.

Conhecedor da alma humana, embora apenas houvesse concluído o primário, onde aprendera ler.

Desde criança, seu avô, que o havia criado, o ensinara a curar os outros manipulando as ervas colhidas na floresta.

Na Vila havia apenas um pequeno posto de saúde, comandado por Mikael, e a farmácia do Sr. Laércio. O posto era apenas utilizado para emergências, pois era o Sr. Iakov quem conseguia curar os males daqueles que o procuravam, inclusive os turistas que vinham de longe para tal fim.

Muita lenda e mistério envolvia aquela região estranha. Com rio de um lado, mar do outro, e uma intensa mata.

Plantas exóticas, animais que não combinavam com aquele ambiente ali residiam, mas poucas ou raras vezes eram vistos.

Acreditava-se que a Vila era, de fato, do Sr. Iakov, pois era o único que a conhecia de ponta a ponta. Na verdade, ninguém sabia quem havia descoberto a Vila.

A Vila não tinha nome. Apenas era conhecida como a Vila dos Pescadores e a referência era o Sr. Iakov, embora houvesse muita especulação sobre a instalação do parque eólico, que só não foi iniciada pois ele não permitira até então, o que deixava o prefeito bem incomodado.

Porém, nada era feito ali sem a permissão do Sr. Iakov, pois ele preservava a magia e o ambiente saudável do local, e ainda contava com a colaboração de Joseph, embora houvesse uma ciúmeira deste último.

Muita lenda, tradições e principalmente invenções. Simples assim.

CAPÍTULO 6

A primeira lenda é de que Iakov, durante a noite, quando as luzes se apagavam após as 22h, se transformava em lobo para caçar na mata e retirar as ervas de que tanto necessitava para curar aqueles que o procuravam.

De qualquer forma, foi encontrado como pessoa, pois, se lobo fosse, provavelmente não teria sido morto como foi. Acredito.

Mas Iakov era lendário, isto era fato, todos na Vila o conheciam por conta de seu poder de curar pessoas e manipular ervas.

O pequeno barracão ao lado de sua residência sempre era procurado por aqueles que precisavam se benzer e pegar as ervas por ele manipuladas para sua cura.

Iakov era um leitor assíduo, pesquisador. Conhecia muita coisa. Investigava a verdade escrita em livros antigos. Testava o que lia e o que ouvia dos amigos espirituais, que, muitas vezes, não eram nada ortodoxos em suas manifestações e transferência de conhecimentos.

Alguns curiosos que ousavam invadir a privacidade do lar de Iakov sem sua permissão se deparavam com copos quebrando sozinhos, vassouras

se mexendo, portas de armário se abrindo. Uivos e risadas sonoras. Isto era assustador.

Pessoas com energias e pensamentos negativos tinham objetos sendo materializados, tão logo se aproximavam de Iakov. Ele pedia sempre muita oração e fé.

Não era raro vê-lo lendo livros de conteúdos esotéricos ou bíblicos, que não se sabe como chegavam ao seu poder, já que a Vila dos Pescadores era tão minúscula, que tudo que chegava de catamarã, e acabava sendo do conhecimento de todos.

Dizia a lenda da Vila que Iakov não era deste planeta. Alguns diziam que era bruxo, outros que ele era curandeiro. Mas o fato é que ele era, sim, apenas um homem de bem, sempre pronto para ajudar o próximo, como se sentia à vontade em fazê-lo. Isto lhe dava sentido à vida.

O fato era que qualquer um que tivesse problemas procurava Iakov.

Antes de examinar e benzer a pessoa, Iakov já acendia as velas com o puro azeite de oliva reservado para tal fim e fazia uma forte oração.

Não tinha ninguém que não se sentisse completo em sua presença. Celebridades e pessoas endinheiradas sempre buscavam a cura com Iakov, e ele os atendia em igualdade, como outros quaisquer.

Não aceitava dinheiro e nem doação de qualquer espécie.

CAPÍTULO 7

O delegado Paul se dirigiu ao perito Norberto e a Antonio, cumprimentando:

– Parece que nossa noite será longa.

– Como vai, Delegado – cumprimentou Norberto educadamente e, em um gesto de indicação, apresentou Antonio.

– Este é meu amigo Antonio. Iniciou sua carreira como necromaquiador, mas, com sua sensibilidade em ouvir os mortos, pode ser que nos ajude neste crime.

– Tô sabendo, perito Norberto. O Dr. Abraão me avisou.

– Sei que pode parecer estranho, Dr. Delegado, mas é que Iakov é muito importante não só para a Vila dos Pescadores, mas para a cidade em geral.

– Relaxa, perito. Tenho minhas convicções e sei da importância de Antonio nesta situação. Já ouvi falar dele.

A Vila dos Pescadores era cercada de água e, apesar de haver muita mata, somente em pequenos barcos é que se conseguia chegar ao local pelo rio, já que no mar, por conta dos ventos fortes, não era recomendável navegar, principalmente à noite.

Pela precariedade da Vila, não havia nenhuma lancha ou algo parecido que fosse rápido. Havia apenas um charmoso catamarã, autorizado pelo

Ibama, para transitar no local duas vezes ao dia, com o intuito de transportar turistas para conhecer a pequena vila de pescadores ou ser benzidos pelo Sr. Iakov, cuja fama já era conhecida no Estado inteiro.

Para se chegar à Vila, o catamarã demoraria aproximadamente cinquenta minutos, principalmente à noite, o que fazia o marinheiro ser mais cauteloso, até em razão das lendas que circundavam aquele lugar.

CAPÍTULO 8

Tão logo foi designado para ajudar o delegado Pierre, o recém-formado Paul sabia muito bem o que iria encontrar. Toda a cadeia de provas destruídas e mal preservadas por um sujeito que sequer tinha vocação para estar na polícia. Sabia muito bem de quem se tratava e que encontraria o gorducho, ofegante e vermelho como um camarão sentado em algum lugar para descansar sua pança.

Certamente Pierre justificaria que estava ali preservando o que sobrara do local do crime, uma vez que não tinha equipe suficiente para fazer este papel.

Nem a fotografia do local do crime acreditava Paul que Pierre teria se dado ao trabalho de tirar, com a desculpa de que estava ainda noite e não tinha material para isto.

– Quanto do meu próprio salário gastei em material para desvendar crime ou mesmo comprar minha própria arma – pensou em voz alta Paul.

– Duvido que Pierre tenha gasto qualquer centavo de seu salário para comprar material. Será que ele não entende que se trata de vida humana? Paciência se o Estado não ajuda. Mas quem gosta do que faz se aprimora e investe na carreira – concluiu Paul, ainda em voz alta.

Entretanto, não seria ele, Paul, que colocaria suas barbas de molho, pois estava disposto a encontrar o assassino do lendário Iakov.

Chegou para pegar o catamarã com destino à Vila dos Pescadores ainda de madrugada.

Assim que chegou ao porto, o delegado Paul já ficou feliz ao ver o perito Norberto e agora seu então companheiro de necropsia, Antonio, o famoso homem que falava com cadáveres, que seriam seus companheiros na investigação deste misterioso crime.

O marinheiro Apolíneo já esperava por eles.

– Senhores, bem-vindos à minha embarcação. É uma pena que não seja a passeio.

E continuou:

– Já aviso que será uma viagem longa, pois a travessia noturna só é feita em caso de emergência e, se são cinquenta minutos durante o dia, estaremos levando um pouco mais. Peço paciência, mas aqui é muito perigoso.

A noite estava silenciosa e, à medida que o catamarã atravessava o rio, ouviam-se ao longe os batiques de um terreiro vizinho, fazendo uma

homenagem póstuma ao Sr. Iakov, pois já se espalhava pela cidade sua morte.

CAPÍTULO 9

Como pelo mar era impossível durante a noite, Paul, o delegado, se sujeitou aos mais de cinquenta minutos de catamarã pelo rio, embora sua ansiedade fosse intensa.

Quebrando o silêncio e observando o olhar tenso do marinheiro, Norberto comentou com o delegado:

– O seu chefe havia me dito que há um outro delegado, de nome Pierre, e um policial, de nome Ariel, preservando o local do crime.

Paul deu um sorriso malicioso e confirmou com a cabeça, mas preferiu passar a maior parte da travessia em silêncio, apenas alisando suas longas barbas e prestando atenção no som da noite, já que muito em breve amanheceria.

Nem o seu charuto se arriscou a acender.

Pensava em quem havia sido ousado o suficiente para matar Iakov, pois, pela forma como Pierre, o gorducho de coloração camarão, havia lhe descrito no WhatsApp, sabia que aquilo era pura vingança.

– Mas vingança do quê? – falou em voz alta, fazendo com que o marinheiro o olhasse assustado, pois em instantes imaginou que havia carregado em sua embarcação um assassino, já que dificilmente

algum estranho viria via mar para a Vila dos Pescadores, sem que ele soubesse, pois coordenava o porto e registrava todos os passageiros.

Apolíneo então decidiu conversar com o delegado, apesar de não gostar de conversar enquanto pilotava a embarcação, dadas as lendas do lugar, e sabia muito bem o que poderia encontrar naquelas águas profundas.

– Dr. Delegado, tenho o registro dos últimos meses de todos aqueles que pisaram em minha embarcação. Faço isto por conta da Cia de Seguros, pois, embora seja cauteloso ao pilotar, há muitas lendas neste lugar e, confesso, não conheço todos os bichos da mata e da água.

Neste momento, Paul já pôs a mão em sua arma.

Norberto e Antonio resolveram sentar mais no meio da embarcação, já que, viajando à noite, é obvio que há redução visual noturna.

Paul achou graça na atitude dos companheiros de viagem, e Antonio então filosofou:

– Do útero ao caixão, vivemos em uma escola. Temos que aprender também com a lição alheia, sem julgamentos.

– É verdade, Antonio. Me considero um marujo experiente. Faço esta viagem há anos. Cada ida e cada volta, temos surpresas diferentes. A mata e o rio nunca são iguais. A água de hoje à noite não é a mesma da minha última viagem. Fico sempre atento e só faço a travessia noturna em casos de emergência.

E completou:

– É por isto que o Sr. Laércio foi autorizado a manter uma farmácia na vila. Como recebemos muitos visitantes, inclusive que passam dias utilizando a Vila como retiro espiritual, a Prefeitura da cidade concedeu a autorização não só da farmácia, mas de um posto.

– Não é a Prefeitura que quer montar um parque eólico nesta região? – perguntou o delegado Paul.

– É sim – confirmou o marinheiro. – Mas o Sr. Iakov não autorizou, pois isto acabaria com a mata e a beleza do lugar.

– Mas o prefeito apoiou Laércio a montar uma farmácia e um posto.

– Exato, inclusive o Sr. Laércio recebe da Prefeitura subsídios para tal fim.

– Então... – pensou o delegado, em voz alta.

– Duvido – disse o marinheiro. – Não acredito que o prefeito, que está na Alemanha, visitando sua família, iria mandar matar o Sr. Iakov. Aliás, ele, Iakov, fez a Vila ficar conhecida. Graças a ele se descobriu que poderia ser instalado o parque.

– Parque eólico que ele não autoriza – completou o delegado.

– Sim, mas ele é, ou melhor, era uma lenda. E mais: todos gostam, ou melhor, gostava do Sr. Iakov, inclusive o Sr. Laércio, até

porque sua filha tem uma doença estranha e somente ele conseguia acalmá-la. Acho até que a doença é espiritual!

O restante da viagem foi feita em silêncio. O delegado pensando em quem poderia fazer isto com Iakov e o marinheiro já pensando que o prefeito é quem mandou matá-lo.

O fato é que o delegado sabia muito bem o que significava uma flecha no olho da vítima. Era muito mais do que vingança. Era um recado sobre ganância!

CAPÍTULO 10

Parte do corpo foi descoberta às 23h, e imediatamente o delegado Pierre foi acionado.

Quem descobriu foi o dono da única farmácia local. É que sua filha estava tendo ataques epiléticos e somente o Sr. Iakov conseguia conter a menina após manipular ervas e orações.

Os ataques estavam fora do normal, daí por que foi procurá-lo e, com lanterna na mão, saiu à sua procura na pequena vila de pescadores, mas apenas encontrou parte de seu corpo, apesar de a noite estar escura e com muita neblina.

O vento, para variar, estava bem forte, o que trazia um cheiro de podridão no ar.

Cheiro este que não era comum, pois era diferente daquele de pescados.

Os poucos pescadores que ali residiam não tinham o hábito de estocar peixes. O que era pescado imediatamente era vendido na cidade vizinha. Não sobrava nada.

O marujo decidiu quebrar o silêncio novamente durante a travessia e comentou em voz alta:

– A pesca nesta região é feita de forma consciente, daí por que os peixes são abundantes e somente os pescadores da Vila têm autorização para pescá-los.

E completou:

– Embarcações de pesca não entram na região, e o mar, por conta dos ventos fortes, não se consegue fazer a travessia para chegar próximo à Vila dos Pescadores. Há muito mistério na região.

– Dizem que Iemanjá atende, ou melhor, atendia os pedidos do Sr. Iakov, ou seja, somente ele tem, ou melhor, tinha autorização para pescar no mar e no rio – concluiu o marujo.

E finalizou:

– Os demais pescadores, somente no rio.

Tudo muito confuso, mas era assim mesmo que funcionava, daí por que naquela vila quase não havia pescadores profissionais e sim moradores que eram pescadores, apesar de o nome ser Vila dos Pescadores.

Por fim, concluiu o marujo:

– Muita gente simples ali reside. Turistas inclusive, que vêm à procura de um local sossegado, longe da violência, para desfrutar o que a alma necessita muitas vezes. Da simplicidade.

Um lugar em que não há luz elétrica após as 22h e em que à noite só se ouve o barulho dos ventos.

– Bem longe da violência até agora – pensou o delegado Paul, em voz alta.

CAPÍTULO 11

Iakov acreditava que algumas ervas poderiam causar vibrações energizantes.

Manipulador de ervas, benzia e curava a grande maioria daqueles que o procuravam, seja de uma simples micose no dedo do pé, passando por mau-olhado e ainda irritações que pudessem gerar ao indivíduo a aplicação quase que integral do código penal.

Às vezes, a indicação de um simples banho de ervas era suficiente para afastar a negatividade que circundava aquele que o procurava.

Aliás, Iakov preconizava que toda doença tinha como referência a alma, a mente e o intestino.

Iakov plantava em sua horta, entre outras ervas, manjerição, e sempre receitava um maço com três punhados de sal grosso, que, fervido com um

litro de água cada um deles de forma separada, deveria ser despejado no corpo, com a mentalização de que tudo de ruim seria levado ralo abaixo.

O banho de ervas, que era feito após o banho normal de higienização, deveria ser derramado somente do pescoço para baixo, já que no topo da cabeça está o chakra coronário, que deve ser protegido, pois é por onde recebemos as benções divinas.

Conhecedor de terapia de cura, Iakov era o pescador mais procurado da Vila, o que causava ciúmeira local.

As pessoas não só iam para ser curadas ou benzidas, mas também para conversar, pois queriam entender a manipulação daquelas ervas.

Queriam também descobrir onde ele colhia suas frutas, no meio da floresta, pois muitos tinham medo de entrar lá, já que lobos-guarás eram os guardiões daquele pedaço, cuja neblina permanecia o tempo todo e mesmo durante o dia, em que o calor era intenso, mas ali era sempre fresco, com garoa constante.

CAPÍTULO 12

Iakov era um sábio, usava a filosofia do silêncio, pois aprendeu a ouvir todos que vinham conversar com ele, pois sabia que aprendia com qualquer um que o procurasse, pois as coisas mais importantes vinham em momentos menos esperados.

Entendia que Deus conversava com ele através das pessoas e que, muitas vezes, dizia algo que fazia toda a ligação e dava resposta àquela dúvida

que o afligia naquele momento, para poder aconselhar bem aquele que o procurava.

Iakov via e ouvia mortos e assim curava os vivos.

CAPÍTULO 13

Adepto do vômito terapêutico, Iakov aproveitava seu conhecimento como curandeiro e o aplicava àqueles que o procuravam, para que, através da manipulação de algumas ervas, fosse um santo remédio para mal-estares do corpo e principalmente da alma.

Muitas vezes, Iakov manipulava ervas para que a pessoa vomitasse, e muito.

Acreditava que isto limpava o corpo e a alma.

Dizia que o intestino limpo ajudava a alma a ficar mais leve e, com isto, a receber melhor os entendimentos e ensinamentos que eram passados.

CAPÍTULO 14

Ao descer do catamarã após longos mais de cinquenta minutos, o Dr. Paul, a passos largos, foi ao encontro do Dr. Pierre e do policial Ariel.

A madrugada era silenciosa, ouviam-se apenas o barulho do mar e o uivo dos lobos-guarás que passeavam na mata, deixando atenta a equipe policial que chegara.

Antonio ficou aguçado com a energia do local.

O delegado Paul tirou as fotografias de praxe com ajuda de Ariel, já que Pierre, ofegante, ficava atônito com o estado do corpo do morto.

– Dr. Pierre – disse o delegado Paul –, ajude o perito Norberto e Antonio na colheita das provas.

Depois de todo o trabalho em conjunto, o corpo foi removido pela funerária da cidade e levado por meio do catamarã.

O marujo nunca foi e voltou tanto na mesma noite.

CAPÍTULO 15

O Dr. Paul decidiu ficar um pouco na Vila e, de maneira informal, entender um pouco daqueles moradores. Determinou que o delegado Pierre, com Ariel, acompanhasse o corpo junto com o perito Norberto e Antonio.

Logo ao amanhecer, o delegado Paul foi logo abordado pela moradora da Vila D. Antonieta, sobre o velório do amigo.

– Minha senhora, vai demorar um pouco, pois os peritos precisam descobrir qual foi a causa da morte.

– Mas não foi a flechada no olho? – indagou.

– Por que a senhora acha isto, já que o Sr. Iakov foi degolado?

– Por causa do veneno na flecha! Ora!

– Que veneno?

– Ora, Doutor – disse Antonieta –, a flecha era negra!

O delegado Paul imediatamente fingiu que seu celular tocava e ligou para o perito Norberto, a fim de mandar para a perícia a tal flecha negra, para saber se, de fato, havia veneno.

– Dr. Norberto, esta conversa informal que tive com Antonieta é muito séria. Precisamos saber se há veneno na ponta da flecha, se há digitais e mais: se há indícios de veneno. Precisamos ter certeza se ele morreu da flechada ou do corte no pescoço. Antonieta disse flechada... enfim, fique atento – completou o Dr. Paul, antes de desligar.

CAPÍTULO 16

O Dr. Paul pediu para o marujo buscá-lo às 16h, pois assim teria tempo de circular mais um pouco pela Vila dos Pescadores antes de retornar e se reunir com o seu chefe, Dr. Abraão, pois sabia o quanto aquilo tudo lhe seria cobrado, mas uma ligação do perito Norberto interrompeu-lhe os planos.

– Dr. Paul, é melhor o senhor voltar e deixar as diligências para depois. Raspamos a cabeça do morto e encontramos uma suástica tatuada, e embaixo de sua unha havia indícios de pele de um animal, só não sabemos ainda qual. Já foi mandado para o laboratório.

– Dr. Norberto, me mande as fotos por WhatsApp. Não vou sair daqui agora, até porque o marujo tinha algumas coisas para fazer na cidade e só vem me buscar às 16h.

Só não imaginava o Dr. Paul que uma tempestade sorrateira iria fazê-lo dormir na Vila dos Pescadores.

– Mas vai me mandando mensagens de tudo, Dr. Norberto, que vou te orientando daqui. Não podemos contar com o delegado Pierre. É o que temos para hoje.

E bastou desligar o celular para que a tempestade se formasse e o dia virasse noite e o vento, tão rápido como jamais imaginou, cobrisse as ruas da Vila com areia. Foi algo muito tormentoso, pois os moradores do local, pela primeira vez, ficaram com medo e se trancaram em suas casas.

Dona Norma, mais do que depressa, convidou o delegado para pernoitar em sua casa, pois sabia que ele não iria conseguir retornar para a cidade. Mas, embora sua casa fosse um local apropriado para receber hóspedes, Paul preferiu ficar em uma das pequenas pousadas da Vila, pois aproveitaria para conversar com seu proprietário, que coincidentemente era Joseph, o pescador mal-humorado. Precisava de informações.

Já que tinha que passar a noite ali, convidou – já que nada era oficial – o número máximo de moradores para que pudesse ir até a pousada de Joseph, uma vez que a tempestade estava assustadora.

Poucos vieram, e Paul começou a conversar com todos à luz de lamparinas – já que, com a tempestade, acabou a força do local –, e então percebeu o quanto Joseph estava curioso para saber sobre a necropsia de Iakov.

Parecia que ele tinha um prazer enorme em saber como o corpo foi levado para o IML, já que a cabeça estava em local diferente do restante do corpo. Queria saber muitos detalhes, até que foi advertido por Antonieta, já que Norma não parava de chorar e soluçar.

Sem luz, sem wi-fi, sem bateria no celular... Paul ficou incomunicável até o dia seguinte, quando a tempestade havia passado, e conseguia se observar, pela primeira vez na Vila dos Pescadores, o estrago feito por conta da chuva e da areia.

Isto nunca tinha acontecido.

Ruas alegadas, o posto de saúde de Mikael estava totalmente destruído e Laércio constatou o quanto perdera remédios em sua farmácia.

Antonieta, ao ver a cena, pensou que eram os Deuses vingando a morte de Iakov, pois sabia que o assassino estava entre eles, já que ninguém diferente havia saído ou entrado da Vila nos últimos dias, que não fossem os turistas, devidamente registrados pelo marujo do catamarã.

CAPÍTULO 17

Depois de conseguir carregar seu celular, o delegado Paul observou o enorme número de áudios em seu WhatsApp, fosse do perito Norberto, fosse do Antonio, o homem que limpava cadáveres.

– Delegado Paul – dizia o primeiro áudio do perito Norberto –, já soubemos que a Vila está embaixo d'água, mas, além da suástica tatuada na cabeça de Iakov, encontramos gravada, bem no meio de sua

bunda, a palavra Hitler... não entendemos por que alguém tatuaria este nome bem lá no meio.

Em seguida, outro áudio do perito Norberto:

– Delegado, não deixe de entrar o senhor pessoalmente na casa de Iakov e verifique se acha vestígio de algum pássaro diferente, pois a perícia está com dificuldade de constatar aquilo que foi encontrado embaixo da unha de Iakov.

E mais um áudio:

– Dr. Paul, na primeira oportunidade, por favor, venha para cá. Não queremos liberar o corpo antes de o senhor ver uma situação importante.

E então passou a ouvir os áudios de Antonio, o homem que limpava cadáveres:

– Dr. Paul, não sou de falar muito e muito menos pelo celular, mas, antes de entrar na casa de Iakov, por favor, faça uma prece e peça proteção, pois há muitas coisas entre o céu e a terra que não conhecemos.

E em outro áudio disse:

– Dr. Paul, por favor, ao pisar na casa de Iakov, tome cuidado com o chão, pois será ali que o senhor encontrará muita coisa. Palavra do morto.

Paul sempre aprendeu com os melhores legistas que o corpo do morto fala e, se observar direitinho os indícios, os motivos do crime estariam ali indicados.

E de fato estavam. Suástica, o nome de Hitler, algo estranho embaixo da unha de Iakov.

Paul conhecia a lenda que o cercava, mas, para um homem tão procurado pela cura, não havia sentido em ele idolatrar Hitler, mas imediatamente lembrou-se, guardadas as devidas proporções, de outro homem que curava e que foi condenado por estupro... e foi assim que entrou na casa de Iakov.

CAPÍTULO 18

Da pousada de Joseph até a casa de Iakov, como tudo na Vila, era muito bonito. Encantava os olhos de qualquer turista.

Se não fosse pela chuva de areia e a tempestade do dia anterior, e que levou a noite inteira, ao caminhar por aquelas charmosas ruas de paralelepípedos, cheias de flores, cafeterias e lojinhas de souvenir, certamente entraria no clima para apreciar o lugar.

Mas estava a trabalho e Paul levava isto muito a sério. Aliás, estava sempre a trabalho, pensou. Da última vez que tirou férias... bem, ele mal se lembrava da última vez que tirou férias de verdade.

CAPÍTULO 19

Paul era um delegado fora do normal. Não era um servidor público sem patrão. Entendia que era pago pela sociedade e que, a cada dia, deveria dar o melhor de si.

Sua frase do dia era: Hoje vou dar meus 110% e serei melhor que ontem.

E, antes de pegar sua arma, a chave de seu Del Rey e beijar a mezuzá ao sair de casa, olhava no espelho, apreciava sua barba e dizia sua frase de efeito.

E que efeito!

CAPÍTULO 20

Paul estranhou ao chegar à casa de Iakov e ver o marujo na porta.

Assustado em ver o delegado ali, disse que estava à sua procura, para poder retornar à cidade.

Paul, delegado atento nos 110%, percebeu o quanto o marujo ficou desconcertado ao vê-lo, e disse que ele aguardasse no catamarã, que em uma hora lá estaria para retornarem à cidade.

Mas percebeu que o marujo estava com algo na mão, muito parecido com uma chave mestra, mas preferiu não perguntar, apenas observar melhor o que era, para poder fazer a pergunta certa enquanto estivessem apenas os dois no catamarã.

Tinha algo muito estranho em tudo ali.

CAPÍTULO 21

Mal entrou na casa de Iakov e recebeu uma ligação do perito Norberto, insistindo para que ele procurasse um vestígio de animal, algo parecido com uma coruja, pois, ao decidirem arrancar as unhas do pé do morto, porque Antonio assim cismou que algo estava estranho, constataram que em cada dedo, embaixo da unha arrancada, havia o desenho de um animal que parecia uma coruja, ou algo bem parecido com uma.

Atento a tudo, logo ouviu o mantra Om Gum Gurubhyo Namaha e se arrepiou, pois sabia muito bem o que aquilo queria dizer.

Sabia que então iria descobrir ali quem tinha sido o assassino de Iakov, pois não haveria trevas em sua mente capazes de fazê-lo deixar de enxergar o óbvio.

O mantra o acompanhou o tempo todo enquanto vasculhava a casa de Iakov, até chegar a uma varanda com vista para uma estufa, onde ficavam as ervas que cultivava.

Ao escutar um grasnido, que interrompeu o mantra que ouvia em sua própria mente, olhou à sua direita e deu de cara com uma águia de um metro de altura, toda imponente, com peito estufado, pronta para o ataque. Era uma águia harpia, uma ave de rapina, e o delegado Paul nunca tinha visto uma pessoalmente, e muito menos viva.

Parecia uma coruja gigante. Era assustadora, com garras enormes. Pronta para caçar e matar sua presa.

Por impulso, apontou a arma para a águia e esta, ao olhar para ele, se sentindo ameaçada, levantou o corpo, arregaçou as asas e, com uma envergadura de quase dois metros, ameaçou ir para cima do delegado, que recuou o passo, fazendo a águia abaixar a crista, literalmente.

Percebeu que ela estava presa em ambos os pés por conta de um arame que a prendia, como se tivessem feito uma armadilha para ela. Notou que ela também estava ferida e então, com a chave mestra que sempre tinha em seu bolso, resolveu se aproximar da águia, que, por algum motivo desconhecido, sabia que não seria machucada e deixou que o delegado se aproximasse.

Ele a soltou e ela simplesmente sumiu.

Depois de fotografar tudo, voltou para o porto e foi embora com o marujo de volta para a cidade. Havia muito trabalho por vir, até porque as oitivas começariam em menos de uma semana, já que o marujo trouxera Ariel para levar as intimações para os moradores.

Ambos voltaram juntos com o marujo Apolíneo naquela tarde, ou seja, o policial Ariel e Paul, mas foi somente o delegado, enquanto estava em pé na embarcação de óculos escuros, charuto na boca e olhando a Vila se distanciando, que obsevou a moça bonita de olhar agateado, brincando em um balanço preso em uma árvore.

Aquilo que mais lhe chamou a atenção, não só por conta da beleza da moça, foi o balanço preso em uma árvore, com uma moça que não tinha visto na Vila.

Ao perguntar para o marujo de quem se tratava, teve como resposta, com um sorriso malicioso no canto da boca:

– Doutor, é uma onça pintada. Uma das lendas da região, e que certamente o senhor somente a viu porque andou nos campos de estufa de Iakov. Nada mais. Só não tire os óculos e não olhe em seus olhos. Se ela estiver no cio, é pior ainda. Muito cuidado!

E o delegado, com um olhar vadio, pensou um monte de bobagens, que lhe duraram alguns segundos, e quase o distraíram o suficiente para não abaixar quando ouviram um tiro.

CAPÍTULO 22

O marujo parou imediatamente a embarcação e o delegado Paul e o policial Ariel, ambos com armas em punho, olhares atentos, mas sem conseguir identificar de onde o tiro teria vindo.

A moça apareceu novamente e, em um flash, se transformou em onça e desapareceu, fazendo com que o marujo ligasse a embarcação e, sem autorização do delegado, desse continuidade à viagem.

– Dr. Delegado, me desculpe, mas vai escurecer e não vou ficar aqui esperando a morena de olhar agateado aparecer novamente. Ela é uma lenda, igual aquela da loira do banheiro que se conta quando estamos na escola.

– Você já a tinha visto, marujo?

– Não, senhor, mas o mestre Iakov sempre dizia dela. Fez algumas canções para ela e dizia que ela se transformava em onça quando estava desconfiada e em águia quando queria desaparecer.

– Águia, como assim?

– Sim, algumas e raras vezes a águia harpia é vista na região, principalmente rondando a estufa de Iakov. Mas confesso que só vi de relance uma única vez, mas nunca ninguém a viu de perto. Ela também é uma lenda por aqui.

O restante da viagem foi feita em silêncio, com os três bem atentos e o marujo visivelmente assustado.

O delegado Paul resolveu não perguntar para o marujo por que estava na casa de Iakov. Preferia esperar o momento oportuno.

CAPÍTULO 23

– Concluiu a perícia que eram da águia harpia os restos que estavam debaixo da unha do morto Iakov – disse Norberto ao delegado Paul e a seu chefe, Abraão.

Paul olhou para Ariel e logo Antonio percebeu o que aquilo significava, pois, conhecedor dos mistérios da vida, sabia muito bem a origem daquilo tudo.

Na guerra, a águia era um símbolo e parecia que tudo fazia sentido agora. Só não entendia a ligação de Iakov com tudo aquilo. Será que era nazista

mesmo? – pensou em voz alta Antonio, o que fez o delegado Abraão se lembrar do significado de tudo o que se passava.

Eles estavam sendo pressionados a liberar logo o corpo, pois já havia diversas homenagens marcadas para Iakov e o prefeito da cidade ligava a toda hora para o delegado-geral, pedindo para liberar o corpo, até porque alguém já havia comunicado o Chevra Kadisha.

Antonio lembrou que já havia limpado o corpo de um judeu religioso no primeiro episódio (de Antonio, o homem que limpava cadáveres) e pediu permissão ao Dr. Abraão para contatar o rabino responsável, pois sabia muito bem como poderia inclusive ajudar, já que a cabeça de Iakov estava separada de seu corpo e sem um dos olhos, pois, quando da remoção da flecha, perdeu seu globo ocular. Embora isto não tivesse tanta importância, pois receberia uma pedra em cada olho e outra na boca, como é pela tradição judaica.

– Só que, se Iakov era judeu, como estava gravado em sua cabeça o símbolo do nazismo? – indagou Ariel.

– Só na cabeça? – sorriu Norberto.

– É porque você não viu o nome de Hitler gravado no meio de sua bunda! – concluiu Norberto

– E é isto que quero que vocês descubram neste exato momento – disse o delegado Abraão.

– Aliás – complementou, dirigindo-se a Antonio –, é bom mesmo que você conheça o rabino e acompanhe o Chevra Kadisha, pois

não sei como será a reação deles quando virem a tatuagem na cabeça de Iakov e o nome do Hitler... se sabe bem aonde. Aproveite para tirar todas as informações possíveis.

E o corpo foi liberado do IML.

CAPÍTULO 24

Enquanto o corpo de Iakov era lavado para a purificação pelo grupo do Chevra Kadisha e as preces eram feitas, Antonio ficou atento ao corpo costurado com a cabeça, fazendo com que o cuidado em seu manejo fosse maior.

O silêncio estava presente e, quando o corpo estava sendo vestido com as vestes brancas, camisa, calça e luva, o rabino chamou Antonio no canto e afirmou que Iakov vinha de uma família de judeus e que seu avô foi responsável por salvar muitas, mas muitas famílias judias, daí por que se refugiou na Vila, levando seu único neto, pois seu filho e sua nora tinham sido mortos por nazistas que acreditavam que a guerra não tinha acabado.

Pediu para marcar uma reunião com o delegado, pois tinha algumas informações que seriam importantes.

CAPÍTULO 25

Homenagens à parte ao morto, o delegado Paul imediatamente ouviu o rabino como testemunha reservada e protegida, pois o que ele tinha para contar era muito sério.

E se você, leitor, ficou curioso, não vou contar história, pois há farta literatura sobre o tema. Use sua imaginação para construir parte deste enredo. Esta é a magia da leitura!

O fato é que o rabino era muito amigo de Iakov, sempre visitado pelo amigo quando este ia para a cidade adquirir alguns poucos produtos de que precisava, e então aproveitava para levar ao amigo um pouco de suas ervas para cura.

– Delegado Paul – disse o rabino –, se concentre em Joseph, Laércio, Antonieta e Norma. Eram todos amigos de Iakov, mas podem te passar informações privilegiadas.

Paul fez questão de estar presente em todas as oitivas e perguntou, em todas elas, sobre a lenda da onça e da águia harpia.

– Dr. Delegado – disse Joseph –, todo mundo sabe que existe, mas ninguém viu. Só Iakov. Penso que o senhor não deveria perder tempo com isto.

– Dr. Delegado – afirmou Norma em depoimento –, ela existe sim e tem uma relação íntima com Iakov. Se eu fosse o senhor, investigaria melhor. Acho que ele tinha uma relação com a águia e com a onça, que dizem que é mesma pessoa.

– Como assim a mesma pessoa? – perguntou o delegado.

– Ora, Doutor! – disse Norma. – Todo mundo conhece a lenda e muitos observadores de pássaros vão para a Vila na tentativa de ver a águia. Quanto à onça, ora, todo mundo sabe que é uma moça, só

que ninguém viu. Pode ser que o marujo é quem tenha maiores informações.

– Por que o marujo?

– Ele conhece toda a lenda da região – sentenciou Norma. – E mais: é só por meio dele que se chega à Vila. Todos sabem que ninguém se arrisca a vir por mar. O único que se utilizava desta passagem era Iakov.

– Como assim?

– O prefeito odiava Iakov por causa disso. Ninguém no mar. Parque eólico que não foi instalado. Mata que ninguém tinha acesso. Ele vivia se referindo a Iakov como maldito.

Era só o que faltava, pensou o delegado. Melhor avisar o chefe, pois muita burocracia para ouvir o homem.

Mas bastou um telefonema do delegado-geral para o prefeito, que não se incomodou nem um pouco em comparecer à delegacia e se colocar à disposição. Foi com seu advogado, óbvio, mas afirmou que Iakov é quem movimentava a Vila, mantinha as pousadas ocupadas o ano inteiro, e seu mistério sobre a lenda que o cercava sempre deixava enriquecida a cidade.

Cidade enriquecida, economia progredindo, impostos sendo pagos, dinheiro entrando na Prefeitura.

– A conta era muito simples – afirmou o prefeito em seu depoimento.

O Dr. Paul decidiu que já era hora de encerrar as investigações. Só faltava ouvir o marujo, que tinha deixado por último, pois confrontaria duas importantes situações.

– Dr. Abraão – disse Paul –, vamos ouvir o marujo Apolíneo hoje e, com isto, acredito que encerramos as investigações.

– Assim espero – disse o Dr. Abraão.

CAPÍTULO 26

– Boa tarde, marujo Apolíneo, vamos dar início ao seu depoimento – disse o Dr. Paul.

– Antes de mais nada, pode me dizer o motivo de estar na casa de Iakov com uma chave mestra em mãos? – perguntou o delegado Paul.

– Claro, Dr. Paul. Quando o senhor entrou lá, deve ter visto que havia uma armadilha na varanda, bem em frente à estufa. Não viu?

– Opa, não sou eu que estou sendo interrogado! – disse o delegado, já um tanto irritado.

– Entendo, mas estou só montando um raciocínio – afirmou o marujo.

– Continue – disse o policial Ariel –, queremos que continue então.

– Pois então – falou o marujo –, aquela armadilha fiz a pedido de Iakov para prender a águia harpia e eu fui até lá para saber se, de fato, eu a peguei.

– E então? Continue – disse o delegado, tentando entender aonde o marujo queria chegar.

– Bom, como disse para o senhor no retorno de nossa última viagem, sei que ela existe, mas nunca a vi, e por isto que fui até lá, por curiosidade, para saber se minha armadilha a tinha prendido.

– E então... – disse, curioso, o delegado-geral, Dr. Abraão, que acompanhava todos os depoimentos deste misterioso caso.

– Bom, o delegado pode responder esta pergunta, se ele viu ou não a águia.

Dr. Paul, perdendo a paciência, deu um soco na mesa:

– Marujo, você acha que estamos aqui brincando de detetive? É isso?

O marujo Apolíneo ficou assustado e logo disse:

– Não, senhor, e também não vi nenhuma águia, mas, se eu fosse o senhor, perguntava para a Dona Norma onde está a sobrinha dela.

– Que sobrinha? – perguntou o policial Ariel.

– O que a sobrinha da Dona Norma tem a ver com isto? – gritou o delegado Paul, já bem mais irritado.

– Aquela bela morena que eu trouxe no dia 30 de abril, com uma calça e blazer cinza chumbo, que parecia estar uniformizada. Aliás, aquilo ali não era roupa para quem ia passar alguns dias com uma tia em uma vila de pescadores.

– Continue... – pediu o delegado-geral.

– Era um blazer meio masculino para uma bela mulher! Quatro bolsos na frente e um cinto que parecia defeituoso, pois tinha dois S', meio torto, sei lá... só achei meio estranho.

– E o que mais? – perguntou Ariel.

– Tinha alguma coisa vermelha no braço dela... não deu para ver direito, pois, no dia que ela veio, não tinha muita gente no catamarã e ela ficou no canto, olhando para a mata, e eu estava naquele dia levando um cientista, que estava me fazendo um monte de perguntas sobre Iakov.

– Cientista? – indagou o delegado Paul.

– Bom, pelo menos ele se apresentou assim. Mas no dia seguinte ele voltou e a bela moça de uniforme ficou.

– Onde eles ficaram? – perguntou o delegado Paul.

– Na casa da Dona Norma. Aquela que tem uma cafeteria charmosa na rua atrás da casa de Iakov, onde vende o melhor strudel de maçã da região.

– Acabamos por aqui – disse o delegado Paul –, mas não saia da cidade e acompanhe o policial Ariel para intimar a Dona Norma. Quero ela amanhã cedo aqui.

– Pode deixar, Dr. Delegado, trago ela no meu catamarã amanhã cedo.

O marujo saiu um tanto satisfeito.

CAPÍTULO 27

Norma foi apertada e, depois de muito questionamento e confrontada em razão do depoimento do marujo, confessou que sua sobrinha tinha ficado em sua casa e depois, em uma noite, se despediu para nunca mais voltar.

– Minha sobrinha Eva disse que tinha uma missão para cumprir junto com Iakov – disse Norma.

E continuou:

– Achei estranho, mas nem quis saber. Ela sabia o quanto eu era apaixonada por Iakov e, num primeiro momento, pensei que ela fosse convencê-lo a ficar comigo. Mas isto não aconteceu.

– Como assim? – perguntou o delegado Paul.

– Minha sobrinha veio de Berlim, da mesma cidade onde o prefeito tem família.

E começou a chorar, mas continuou:

– Seus avós acreditavam ainda que a guerra existia, pois, quando pequenos, perderam seus pais e foram criados em um orfanato. A menina cresceu odiando judeus sem saber o real motivo.

E em prantos confessou:

– Ela conheceu a história de Iakov e, segundo seus avós, foi o avô dele que matou seus pais e fugiu para o Brasil. Então ela veio para se vingar. Seduziu Iakov como uma onça. Ela o matou enquanto transavam.

– E...? – perguntou o delegado-geral.

– Eu vi tudo. Fiquei com ódio de ambos. Ele por se deixar seduzir por uma jovem, que, aliás, era minha sobrinha, e ela justamente por seduzi-lo mesmo sabendo que eu o amava. Ora, esta vagabunda era minha sobrinha, sangue do meu sangue. Não podia ter feito isto comigo!

E continuou:

– Eu sabia que ela também se transformava em águia, símbolo da guerra, e foi então que pedi para o marujo construir uma armadilha, pois queria pegá-la e entregar para a polícia.

Alias, foi Dona Norma que furou o olho de Iakov, mesmo já morto, e montou uma armadilha para que sua sobrinha, ao se transformar em águia, ficasse presa. Só não imaginava que seria o próprio delegado que a soltaria.

E assim, o crime foi desvendado, mas ninguém preso, pois a culpada se transformou em águia, que, presa pelo marujo, foi solta pelo delegado.

Foi assim que terminou este conto, com uma bela moça que, de onça, vira águia e aproveita sua condição para conseguir a liberdade.

O marujo foi processado por ter mentido para o delegado, já que foi Norma quem pediu a armadilha, e não Iakov.

Norma foi processada por ter furado o olho de um morto, mas não foi presa, pois seu advogado provou que Iakov foi degolado primeiro.

A Vila dos Pescadores existe e eu fui até lá, mas não conheci nenhum Iakov e nem mesmo os personagens deste conto.

Ou conheci?